

PESQUISA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA REALIZAÇÃO DO EXAME DE PAPANICOLAU ENTRE ESTUDANTES DO MUNICÍPIO IPATINGA, MG

RESEARCH ON THE IMPORTANCE OF THE PAPANICOLAU EXAMINATION BETWEEN STUDENTS OF THE IPATINGA MUNICIPALITY, MG.

BIANCA MAFRA DIAS¹, HIGOR DE OLIVEIRA SANTOS MATOS¹, KEILA DE MELO BRAUN LOPES¹, THÉA NOBRE PEREIRA^{2*}

1. Acadêmicos do Curso de Graduação de Biomedicina da Faculdade Única; 2. Professora do Curso de Biomedicina da Faculdade Única.

Rua Salerno, 299, Bethânia, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil, CEP 35160-241. thea.nobre@gmail.com

Recebido em 18/10/2018. Aceito para publicação em 21/11/2018

RESUMO

O câncer de colo de útero é uma neoplasia de lenta progressão, que pode ser eficazmente prevenido por meio da realização do exame de papanicolau periodicamente. Esse exame pode rastrear lesões e tratar essas alterações antes que evoluam para o câncer e, assim, direcionar o tratamento da paciente. Por esse motivo, fez-se necessário pesquisar sobre o conhecimento das estudantes, neste estudo, sobre a importância de se realizar o exame de papanicolau, bem como compreender os motivos de adesão ou não ao exame. A partir da análise dos dados, pôde-se propor medidas que contribuam para que mais mulheres realizem o exame, e assim diminuir os elevados índices de incidência e óbitos relacionados a esse tipo de câncer.

PALAVRAS-CHAVE: Exame de Papanicolau, colo do útero, Papillomaviridae.

ABSTRACT

Cervical cancer is a slowly progressing neoplasm, which can be effectively prevented by performing the Pap smear periodically, this scan can track the lesions, to also detect the lesions high degree of cancer and thus direct the treatment of the patient. For this reason, it became necessary to examine the students related to the study of the importance of performing the Pap smear. Based on the data analysis, the measures that contribute to the women's examination are later and indicate indicators of risk of death.

KEYWORDS: Papanicolau Test, cervix uteri, Papillomaviridae.

1. INTRODUÇÃO

O câncer de colo do útero consiste em alterações celulares onde há perda do controle de divisões e início de proliferação descontrolada, sendo uma neoplasia agressiva e de evolução lenta, que compromete o tecido subjacente, podendo invadir outros órgãos¹. É uma doença temida pela população feminina devido ao seu alto grau de letalidade e morbidade, mas que apresenta possibilidade de cura quando detectada precocemente².

Essa neoplasia pode ser prevenida através da realização do exame papanicolau. Esse método baseia-se na análise citológica do material coletado dos epitélios do colo do útero através da microscopia ótica. A partir dessa técnica, podem ser observadas lesões que, na maioria, são decorrentes de infecção pelo Papiloma Vírus Humanos (HPV)².

A Organização Mundial da Saúde (OMS) orienta que o exame papanicolau deve ser realizado, anualmente, pelas mulheres em faixa etária de 25 a 64 anos e que já tiveram atividade sexual. Após dois exames normais consecutivos realizados com um intervalo de um ano, a repetição do exame papanicolau pode ser realizada a cada três anos³.

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA)⁴, o câncer cervical é o quarto tipo de câncer mais comum entre as mulheres em todo o mundo. No Brasil, apresenta uma incidência de aproximadamente 16.000 novos casos por ano⁴, sendo considerado um problema de saúde pública por conta da alta incidência e mortalidade⁵.

A realização periódica do exame é de suma importância, por se tratar de um câncer que demora anos para se desenvolver, possibilitando o diagnóstico precoce e permitindo um tratamento eficaz não só das lesões, mas também de outras enfermidades que podem acometer a mulher¹.

Com base no apresentado, o objetivo do presente estudo é verificar o nível de conhecimento das universitárias a respeito do papanicolau, a importância da realização do exame e os principais motivos que levam a não realização do mesmo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter descritivo e exploratório, amparada no método quantitativo.

Para realização da pesquisa, foram convidadas a participar da coleta de dados as universitárias matriculadas nos cursos de Fonoaudiologia e Psicologia da Faculdade Única do município de

Ipatinga, MG, matriculadas no segundo semestre do ano de 2018, no qual foi obtido um recorte representativo da população de estudo. Estes cursos foram escolhidos por formarem profissionais que podem atuar em contato direto com pacientes portadoras do câncer e/ou familiares, na prestação de assistência e aconselhamento. Além disso, não possuem disciplina relacionada ao tema em sua grade curricular.

As universitárias receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo todas as informações a respeito da pesquisa, evidenciando a participação de caráter voluntário. No TCLE, foi informado, também, sobre a possibilidade de desistência da participação do estudo sem prejuízo. Ressalta-se que somente as estudantes que assinaram o TCLE foram consideradas nessa pesquisa.

Para viabilizar a coleta de dados, o instrumento utilizado foi o questionário estruturado, composto por doze perguntas, elaboradas a partir de formulários adaptados ao tema proposto e direcionadas ao grupo de estudo. Foi realizado um contato prévio com os coordenadores dos cursos envolvidos na pesquisa, para convite e consentimento da participação das alunas para aplicação do questionário e palestra sobre o tema com o objetivo de esclarecer dúvidas. Ambas atividades foram realizadas pelos autores da pesquisa.

Foram utilizados, também, artigos acadêmicos e banco de dados como DATASUS e Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA).

As informações foram analisadas considerando os seguintes pontos: 1) o número de mulheres que realizam o papanicolau na busca pela prevenção do câncer é relativamente baixo; 2) compreender os fatores que influenciam as mulheres do grupo de estudo a não realizarem exame, bem como o perfil geral dessas mulheres e 3) elucidar o nível do conhecimento dessas mulheres a respeito da importância da realização do exame.

Após a obtenção dos dados, foi realizada análise estatística e construção de tabelas para síntese e organização das informações.

3. DESENVOLVIMENTO

Câncer de colo do útero

O câncer de colo do útero é uma lesão invasiva intrauterina, que provoca alterações celulares, associada à perda do controle de divisão celular e de proliferação. Também possui alto poder de agressividade, podendo comprometer tecidos adjacentes e invadir outros órgãos¹.

A progressão do câncer de colo de útero, na maioria dos casos, se dá de forma lenta, podendo levar de 10 a 15 anos para apresentar sintomas e, com isso, apresenta altos potenciais de cura e prevenção quando as lesões são diagnosticadas em sua fase inicial (pré-clínica)^{6,7}. Essa neoplasia representa um problema de saúde pública a nível mundial e que vem se tornando comum na população brasileira, com altas taxas de prevalência e óbitos⁸.

É uma neoplasia que, em média, mata 266.000 mulheres por ano em todo o mundo, sendo o tipo de câncer mais comum nas mulheres em 55 países, que, em sua maioria, são subdesenvolvidos⁹. Esse tipo de câncer em mais de 90% dos casos está associado à infecção por alguns tipos do HPV, especialmente o HPV-16 e HPV-18, sendo os dois responsáveis por cerca de 70% dos casos de câncer de útero¹⁰.

O HPV é um vírus da família Papillomaviridae, gênero *Papillomavirus*, que se replica nas células epiteliais da camada basal e parabasal do colo uterino. A transmissão ocorre através de microtraumas ou microcortes durante a relação sexual com indivíduos que são infectados pelo vírus. Também é relatada a transmissão vertical, que ocorre quando a mãe transmite a infecção ou doença para o feto ou recém-nascido durante o parto¹¹.

O HPV causa alterações nas células de revestimento do colo uterino, sendo esse processo conhecido como neoplasia intraepitelial cervical (NIC). As NIC são classificadas, a partir do ponto de vista citohistopatológico, em duas formas (lesão de baixo e alto grau), ou em três categorias (NIC 1, 2 e 3). Classificações mais altas indicam uma chance maior da paciente desenvolver o câncer do colo do útero¹².

Medidas de controle e prevenção

Para reverter o número de óbitos e a incidência do câncer nas mulheres, medidas de saúde pública vêm sendo tomadas, uma delas é a realização do exame de papanicolau, também conhecido como esfregaço cervicovaginal e colpocitologia oncótica cervical³.

O exame de papanicolau baseia-se na análise citológica do material coletado dos epitélios do colo do útero através de microscopia ótica, cujo objetivo é analisar a morfologia das células do colo uterino. Busca-se, então, identificar as alterações nas células e permitir que se tomem as medidas cabíveis, a fim de evitar que as lesões causadas pelo HPV evoluam para câncer⁶.

Outro meio de prevenção adotado como medida de saúde pública para o câncer de colo do útero é a aplicação da vacina contra os principais tipos do HPV. Existem dois tipos de vacinas homologadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), a vacina bivalente permite a imunização contra os HPV-16 e HPV-18 e a vacina quadrivalente garante proteção para os tipos 6, 11, 16 e 18, que correspondem a cerca de 70% ou mais dos subtipos de HPV causadores de lesão do colo do útero. As vacinas devem ser administradas em 2 doses (0 e 6 meses), sendo a população-alvo, meninas na faixa etária de 09 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos. Já a vacinação para mulheres que são portadoras do HIV, na faixa etária de 9 a 26 anos, a mesma será administrada em três doses (0, 2 e 6 meses)¹².

O principal método utilizado para o rastreamento das lesões pré-malignas é o exame de papanicolau, que é disponibilizado de forma gratuita na Rede Pública de Saúde⁸.

Segundo o Ministério da Saúde (MS), através das Diretrizes para Rastreamento do Câncer de Colo de Útero de 2016, fica estabelecido como público-alvo para realização do exame preventivo de câncer de colo de útero, ou papanicolau, as mulheres a partir de 25 anos que já tiveram ou têm atividade sexual. Os exames deverão ser realizados com intervalo anual entre os dois primeiros exames. Se os resultados destes dois forem negativos, os próximos exames deverão ser realizados com intervalo de três anos. Os exames devem ser realizados, periodicamente, até os 64 anos, e poderão ser interrompidos nessa idade, desde que tenha dois resultados negativos consecutivos nos últimos cinco anos³.

Entretanto, mesmo com a facilidade de acesso ao exame que é oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e com toda a informação e campanhas realizadas preconizando a importância da realização do papanicolau, a adesão da realização do exame é relativamente baixa¹³. Diversos fatores influenciam as mulheres a não realizar o exame anualmente, como o baixo conhecimento a respeito do assunto e o medo do resultado, além do constrangimento da realização do mesmo⁶.

É encontrada na literatura uma relação direta entre fatores culturais, sociais e econômicos com as dificuldades das mulheres na realização do papanicolau⁸. São tabus que necessitam ser superados e, para isso, torna-se necessário buscar medidas que facilite e torne mais confortável e confiável para a mulher a realização do exame¹³.

4. RESULTADOS

A coleta de dados foi realizada no mês de agosto de 2018, e teve duração de uma hora e meia, dividida entre a aplicação do questionário e a palestra. As atividades aconteceram em um dos auditórios do campus da Faculdade, com a participação de 51 alunas dos cursos de Fonoaudiologia e Psicologia (matriculadas no segundo semestre de 2018). Os alunos matriculados e os professores das respectivas turmas foram convidados a participar da palestra.

Como critério de exclusão, 04 questionários foram retirados do estudo por estarem incompletos, sendo usados para computação e interpretação 47 resultados, que foram apresentados em forma de tabelas para melhor entendimento.

Tabela 1. Características socioeconômicas das universitárias presentes no estudo.

Variável	N	%
Idade		
Abaixo de 25 anos	29	61,7
Entre 25 a 64 anos	18	38,3
Acima de 64 anos	-	-
Estado civil		
Casada	16	34,04
Divorciada	2	4,26
Solteira	29	61,7
Viúva	0	-
Número de filhos		
0 01 0	36	76,6
01 02	9	19,15

03 04 α	2	4,26
Renda familiar (por salário)		
1 SM	3	6,38
2 SM	14	29,79
3 SM	15	31,91
4 ou mais SM	15	31,91

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

A faixa etária das universitárias presentes na pesquisa é de 19 a 55 anos, como representado na tabela 1. As mulheres abaixo de 25 anos correspondem a 61,70% das entrevistadas.

Em relação ao estado civil das mulheres, 34,04% são casadas, 4,26% divorciadas e a maioria 61,70% são solteiras. Dentro desse grupo de estudo, 76,60% dessas mulheres relataram não terem filhos, 19,15% possuem 1 ou 2 filhos e 4,26% tem 3 filhos ou mais.

A renda familiar das estudantes foi: 6,38% das estudantes possuem como renda 1 salário mínimo (SM), 29,79% possuem 2 SM, 31,91% relataram possuir renda de 3 SM e 31,91% apresentaram 4 ou mais SM.

Tabela 2. Conhecimento das mulheres entrevistadas sobre o exame de papanicolau.

Natureza	Nº	%
Conhece sobre o exame papanicolau?		
Conhece	41	87,23
Desconhece	6	12,77
É importante a realização do mesmo?		
Sim	47	100
Não	0	-
Por que é importante realizar o mesmo?		
Prevenção de doenças	30	63,82
Prevenção e diagnóstico precoce do câncer de colo útero	11	23,4
Outros	6	12,78

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Como apontado na tabela 2, cerca de 12,77% das mulheres relataram desconhecimento sobre o exame, o que pode ser justificado pelo fato de que as campanhas que existem a respeito do exame de papanicolau e a importância de realizá-lo serem restritas, em sua maioria, às Unidades de Saúde e hospitais, e não divulgadas em grandes meios de comunicação, como rádio e televisão, o que restringe as informações entre mulheres. Já a maior parte, 87,23%, universitárias, afirmam ter conhecimento do exame.

Quando questionadas se a realização do exame de papanicolau era importante, as universitárias foram unânimes ao responder que sim, e os motivos apontados por elas sobre a importância de realizarem o papanicolau são: 63,82% das mulheres indicaram que é importante para prevenção de doenças; 23,40% das estudantes apontaram que o exame é necessário para prevenção e diagnóstico precoce do câncer de colo do útero; e 12,78% indicaram que realizar o exame é importante para avaliar a saúde, prevenir DSTs, HPV e bactérias.

Esses dados demonstrados na tabela 2 são reforçados na tabela 3, em que as mulheres relatam o que o exame de papanicolau pode indicar.

Tabela 3. Conhecimento das mulheres sobre quais problemas o exame de papanicolau pode indicar.

Indicativo	Nº de respostas	%
DST	14	11,76
Câncer	42	35,29
Lesão de Colo do Útero	41	34,45
Outras: Bactérias	1	0,84
AIDS	4	3,36
HPV	17	14,29
Total	119	100

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Questionadas sobre o que o exame de papanicolau pode indicar, 35,29% das respostas indicaram que o exame detecta o câncer (tabela 3). O papanicolau é capaz de identificar lesões malignas compatíveis com câncer, no entanto, o diagnóstico será confirmado com biópsia, exame solicitado pelo médico, por ser a técnica considerada “padrão ouro” para diagnóstico do câncer do colo do útero⁶.

Cerca de 34,45% das respostas apontaram que a finalidade do exame é indicar a presença de lesões no colo do útero, uma vez que, o papanicolau tem como principal objetivo observar a morfologia das células coletadas do colo do útero, buscando identificar alterações celulares que possam indicar lesões de baixo ou alto grau, precursoras do câncer^{1,3}.

De acordo com 14,29% das mulheres, o exame pode indicar a presença de HPV. O exame de papanicolau não diagnostica a presença de HPV, embora identifique lesões características da presença de HPV que, de acordo com a literatura, mais de 90% dos casos de câncer de colo do útero são causados por esse vírus. A presença do HPV como causa do câncer só pode ser confirmada por exames moleculares como a captura híbrida, que é um método de hibridização do DNA, realizada com uso de sondas específicas contra os tipos de HPV de alto risco¹.

Parte das entrevistadas, 11,76% informaram que o exame indica a presença de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Esta resposta não está incorreta, pois é possível que DST's sejam indicadas através da análise citológica do material coletado do colo do útero. A tricomoníase, por exemplo, que também é uma Doença Sexualmente Transmissível pode ser identificada durante a análise¹⁶. Sendo assim, 95,79% das respostas estão corretas, pois o objetivo de exame papanicolau é identificar lesões, mas ele também fornece outras informações, como a presença ou ausência de bactérias e alterações celulares que podem indicar desenvolvimento de diversas doenças no colo do útero². Da porcentagem de 4,21% de respostas incorretas, todas elas estão relacionadas às mulheres que responderam ter o exame preventivo a possibilidade de identificar a AIDS, o que não se confirma, pois, esse diagnóstico é dado a partir de outros métodos⁵.

A tabela 4 demonstra que 91,49% das mulheres apresentam conhecimento a respeito da idade e quando se deve iniciar a realização do papanicolau, ou seja, uma informação relevante, visto que o SUS preconiza e intensifica as campanhas a partir dos 25 anos se

estendendo até os 64 anos.

Tabela 4. Conhecimento das mulheres quanto a idade que se deve iniciar a realização do papanicolau e com qual frequência.

Natureza	Nº	%
Idade para iniciar a realização do papanicolau		
A partir dos 18 anos	1	2,13
Após início da vida sexual	43	91,4
Antes de iniciar a vida sexual	1	2,13
Após menarca	2	4,26
Qual a frequência para a realização do exame?		
Anualmente	36	76,6
6 em 6 meses	2	4,26
A cada 2 anos	0	--
Indicação médica	3	6,38
Não sei informar	6	12,7

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

A tabela 5 apresenta dados sobre a realização do papanicolau pelas estudantes participantes da pesquisa. Apesar das mulheres apontarem ser importante a realização do exame (tabela 2), apenas 59,57% afirmam realizá-lo. Dentre essas, 34,04% correspondem às mulheres casadas, 21,28% às mulheres solteiras e 4,26% às mulheres divorciadas. É importante apontar que, neste grupo, 40,43% das universitárias são mulheres solteiras que não realizam o exame.

Tabela 5. Realização do papanicolau entre as estudantes presentes na pesquisa.

Natureza	Realiza o exame	%	Não realiza o exame	%
Solteira	10	21,28	19	40,43
Casada	16	34,04	0	0
Divorciada	2	4,26	0	0
Total	28	59,57	19	40,43

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Os métodos e programas de orientação sobre saúde da mulher devem evidenciar e instruir, de forma adequada, todas as mulheres sobre os mecanismos de prevenção de câncer do colo uterino, de maneira que todas as mulheres passem a realizar o preventivo, diante de sua importância¹³.

Por conta da gravidade da doença e dos fatores de risco relacionados ao câncer de colo do útero (como múltiplos parceiros, números de filhos, estado civil, histórico familiar), demonstra-se fundamental que, após o início da vida sexual, a realização do exame seja uma prática comum na vida de todas as mulheres², uma vez que o mesmo busca determinar o risco de uma mulher vir a desenvolver o câncer, e não somente uma maneira de diagnosticar a doença¹.

O SUS incentiva qualquer mulher acima de 25 anos que já tenha tido atividade sexual a realizarem, periodicamente, mesmo que elas não estejam sexualmente ativas, pois o principal causador do câncer de colo de útero é o HPV, que é contraído através de relações sexuais sem uso do preservativo, ou até mesmo através do contato, diretamente, com mucosa ou pele infectada. Estima-se que cerca de 80% das mulheres entrará em contato com o vírus em algum momento de sua vida sexual. O HPV é um vírus que causa lesões de lenta progressão, por isso é tão

importante que, mesmo as mulheres que não estejam sexualmente ativas, mas já tiveram relações sexuais em algum momento, continuem fazendo o exame de papanicolau com frequência^{10,11}.

Entre os motivos apontados pelas mulheres para não realizarem o exame, como demonstrado na tabela 6, é o desconhecimento do procedimento, a vergonha e o medo. Esses motivos foram os que obtiveram maior percentual, 30,89%, 30,08% e 21,14% das opções respectivamente.

Junto à falta de conhecimento, a vergonha e o medo são fatores que interferem, diretamente, na decisão da mulher em querer realizar o exame. Esses fatores podem ser justificados pela forma em que o exame é realizado, o que gera um grande constrangimento nas mulheres, embora seja um aspecto necessário para realizá-lo, dada a sua importância¹⁴. Nessas situações, a postura, o acolhimento e as orientações do profissional fazem a total diferença nas reações que a paciente vai apresentar¹⁵.

Tabela 6. Indicativos que levam as mulheres a não realizarem o exame papanicolau.

Indicativo	Nº de respostas	%
Falta de dinheiro para pagar o exame	7	5,69
Medo	26	21,14
Vergonha	37	30,08
Desconhecimento	38	30,89
Não ter plano de Saúde	4	3,25
Não conseguir consulta na UBS (Posto de saúde)	7	5,69
Não ser necessário para mulheres que tenham apenas um parceiro sexual	3	2,44
Falta de tempo	1	0,81
Total	123	100

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Outro aspecto que merece destaque e que foi relatado por 5,69% das mulheres é não conseguir consulta na Unidade Básica de Saúde ou a falta de dinheiro para pagar o exame; 3,25% das universitárias apontaram não realizar o exame por não possuírem plano de saúde. Porém, vale ressaltar que o exame é disponibilizado, gratuitamente, pelo SUS em todas as Unidades Básicas de Saúde.

Tabela 7. Ações das mulheres após a realização do exame.

Ações	Nº de Respostas	%
Esperar no local da coleta ligar se houver alterações.	1	2,13
Não é necessário se informar sobre o resultado, uma vez que o profissional faz o diagnóstico na hora da coleta.	0	-
Se informar sobre o resultado para agendar retorno médico	44	93,62
Não sei informar	2	4,26
Total	47	100

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Cerca de 2,44% das mulheres responderam que não realizam o exame, por não ser necessário às mulheres que têm apenas um parceiro sexual. Nessas condições,

a recomendação do programa de prevenção ao câncer de colo do útero é que, após dois resultados negativos consecutivos, com intervalo de um ano entre a realização deles, pode-se ficar até três anos sem realizar o exame, desde que tenha parceiro fixo e não haja nenhuma recomendação médica ou fator de risco³.

A maioria das universitárias, 93,62%, apresentam saber como proceder após a realização do exame, o retorno para buscar informações sobre o resultado e o agendamento com médico. Essas são medidas imprescindíveis no controle do câncer de colo do útero.

Muitos estudos apontam o papel do profissional de saúde na prevenção do câncer de colo do útero, a relação profissional e paciente, a forma de se comunicar, instruir e convocar a mulher para o exame e a maneira como ela é tratada pelo profissional que a atende. Tudo isso influencia na decisão da mulher de fazer o exame ou não, ou ainda de realizá-lo periodicamente¹³.

Destaca-se a importância de incluir na formação profissional ações que contribuam para a melhor compreensão de todos sobre importância da atenção primária na qualidade de vida das mulheres. É necessária a participação do profissional na divulgação e propagação de informações que evidencie a importância da realização do exame periodicamente. Esses são meios fundamentais para ampliar o número de mulheres que realizam o exame^{8,13}.

5. DISCUSSÃO

O papanicolau tem como principal objetivo observar as células coletadas do colo do útero, a fim de verificar alterações celulares que possam indicar lesões de baixo ou alto grau, precursoras do câncer^{1,3}.

A falta de conhecimento e de compreensão sobre o procedimento e sobre o objetivo do exame atinge um elevado número de mulheres, o que torna a situação um grande problema para os serviços de saúde e programas de combate ao câncer¹⁴, evidenciando a necessidade de intensificar, inovar e promover ações e medidas de propagação do assunto entre a população feminina. As informações devem ser objetivas e claras, com o intuito de informar sobre o exame papanicolau, como é realizado, para que serve, cujo objetivo é identificar lesões iniciais, possibilitando um tratamento precoce e evitar que evoluam para neoplasia. Entretanto, vale ressaltar que o exame não previne o surgimento do câncer, mas é o principal método que possibilita diagnosticar as alterações de forma precoce.

Como observado nos resultados obtidos no estudo, apesar das universitárias demonstrarem conhecimento a respeito do exame, boa parte dessas mulheres ainda não realizam o papanicolau.

O desconhecimento do procedimento, o medo e a vergonha são os principais motivos relatados pelas mulheres neste grupo de estudo para não realizarem o papanicolau. Esses aspectos também foram observados no estudo realizado por Santos (2014)⁵, em que as mulheres indicaram essas características como motivos para não realizarem o exame.

Outro ponto importante relatado na literatura é que muitas mulheres não retornam para saber o resultado por medo do diagnóstico⁵. É relatado também que, em determinadas ocasiões, a falta de orientação do profissional sobre a importância do retorno para saber o resultado do exame influencia na atitude da mulher¹³.

É importante ressaltar que, além da realização do exame de papanicolau na prevenção do câncer de colo do útero, é imprescindível que se utilize outras medidas essenciais de prevenção para que se “quebre” a cadeia de transmissão do HPV, como o uso de preservativo e a vacinação. O preservativo, além de prevenir contra o HPV, também garante proteção contra um grande número de agentes infecciosos que podem causar as mais diversas doenças. Quando utilizado corretamente, reduz de forma significativa o risco de transmissão de patógenos durante a relação sexual¹⁷. Já a vacina contra o HPV 6, 11, 16 e 18 está disponível da rede pública desde 2014, quando foi incorporada ao SUS, sendo disponibiliza para meninas de 9 a 14 anos e para os meninos de 11 a 14 anos, imunizando as crianças contra para os tipos de HPV com maior potencial ontogênico de HPV¹⁸.

6. CONCLUSÃO

Percebeu-se que as universitárias presentes no grupo estudado apresentam conhecimento significativo em relação ao exame papanicolau, entretanto, a realização dele ainda é negligenciada por parte das estudantes, haja vista que apenas 59,57% das mulheres realizam o exame.

O SUS incentiva o combate ao câncer de colo do útero a partir dos 25 anos, o que pode impactar nas respostas das entrevistadas, visto que a maioria das mulheres do grupo de estudo apresentam faixa etária inferior a 25 anos. Portanto, elas não entram na faixa etária proposta pelos programas de combate ao câncer de colo do útero.

Muitas depoentes informaram diversos motivos pelos quais não o realizam. Esses dados apontam uma importante barreira a ser quebrada, a do tabu, que só poderá ser superada através da sensibilização e conscientização sobre os benefícios do exame, do profissionalismo dos que o executam, visto que vergonha e medo foram dois dos principais motivos citados pelas entrevistadas.

Fica evidente a necessidade de buscar metodologias e ações capazes de informar a finalidade do controle do câncer de colo do útero. O maior desafio é desenvolver mecanismos que se estendam em escolas, centros comunitários e locais de trabalho, com objetivo de instruir, evidenciar e facilitar o acesso das mulheres, diante de todos os obstáculos relatados, quanto ao exame. Além da capacitação dos profissionais da saúde que lidam, diretamente, com o paciente durante a sua realização.

REFERÊNCIAS

[1] Freitas Filho LA. O exame Papanicolau e o diagnóstico

das lesões invasoras do colo do útero, 2012. Disponível:

<<http://www.ccecurso.com.br/img/resumos/citologia/19.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

- [2] Carvalho LC. Importância da adesão das mulheres ao exame de Papanicolau para prevenção do câncer cervico-uterino. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4379.pdf>> Acesso em: 17 jul. 2018.
- [3] Brasil. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva. Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer do Colo do Útero. Coordenação de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. – 2. ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: INCA, 2016. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/93e910004e0209ee8ce7ff4cb2154e06/Diretrizes+para+o+Rastreamento+do+c%C3%A2ncer+do+colo+do+c%C3%BAtero_2016_corrigido.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=93e910004e0209ee8ce7ff4cb2154e06> Acesso em: 17 jul.2018.
- [4] Brasil, Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa 2016. Incidência do Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2015. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes_programas/site/home/nobrasil/programa_nacional_controle_cancer_colo_uterio/conceito_magnitude> Acesso em: 17 jul. 2018.
- [5] Santos JÁ, Canno VAV, Conhecimento de mulheres universitárias em relação a importância do exame citopatológico de Papanicolau, 2014. Disponível em: <<http://www.unisaesiano.edu.br/biblioteca/monografia/s/57525.pdf>> Acesso em: 17 jul. 2018.
- [6] Rodrigues AMX, Barbosa ML, Matos MDLP, Importância do exame Papanicolau no diagnóstico precoce de câncer do colo do útero, 2013. Revista multiprofissional em emsaúde do Hospital São Marcos.Teresina/Piauí. Vol. 1. Número 01–Pág. 58-65, Volume I.saúde do Hospital São Marcos.Teresina/Piauí. Vol. 1. Número 01–Pág. 58-65, Volume I.
- [7] CARONI Carlos- Câncer de colo de útero: exame simples ajuda a salvar vidas, 2014. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/cancer-de-colo-de-uterio-exame-simples-ajuda-salvar-vidas>> Acesso em: 01 ago.2018.
- [8] Côrrea DAD, Wilma VV, Almeida AM. Desafios à organização de programa de rastreamento do câncer do colo do útero em Manaus-AM, 2012. Rev.Texto & Contexto Enfermagem, São Paulo, vol. 21, núm. 2, abril-junho, 2012, pp. 395-400.
- [9] Organização Mundial da Saúde (OMS) - Controle integral do câncer do colo do útero: guia de práticas essenciais, 2016.Disponível em:<<http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/31403/9789275718797-por.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>Acesso: 01 de agosto de 2018.
- [10] Brasil - Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva. Controle do Câncer de colo do útero, 2017. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes_programas/site/home/nobrasil/programa_nacional_controle_cancer_colo_uterio/fatores_risco> Acesso em: 01 ago. 2018.
- [11]Rodrigues AS, Sousa JA. - Papilomavírus humano: prevenção e diagnóstico, 2015. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/epidemiologia/a>

- rticle/viewFile/6043/4633> Acesso em: 01 de ago. 2018.
- [12] Brasil – Ministério da Saúde; HPV: sintomas, causas, prevenção e tratamento, 2017. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/hpv>> Acesso em: 01 ago. 2018.
- [13] Castro LF. Exame Papanicolau: o conhecimento das mulheres sobre o preventivo e a estratégia do PSF no combate do câncer de colo do útero, 2010. Disponível: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2318.pdf>> Acesso em: 17 julho de 2018.
- [14] Davim RMB, *et al.* Conhecimento de mulheres de uma Unidade Básica de Saúde da cidade de Natal/RN sobre o exame de Papanicolau. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 296-302, Sept. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342005000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 set.2018.
- [15] Ferreira MDLDSM. Motivos que influenciam a não-realização do exame de papanicolaou segundo a percepção de mulheres. Esc Anna Nery Rev Enferm, Rubião Junior, v. 13, p. 378-384, abr-jun 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a20>> Acesso em: 12 set.2018.
- [16] Rodrigues DCL – O Exame Preventivo do Câncer de Colo de Útero e de Outras Doenças Sexualmente Transmissíveis – 2011. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/6230.pdf>> Acesso em: 04 ago.2018.
- [17] Panobianco MS, *et al.* O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. Texto contexto - enfermagem Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 201-207, Mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000100024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 out.2018.
- [18] Brasil, 2018 – Ministério da Saúde, Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada), 2018. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/14/Informe-T--cnico-HPV-MENINGITE.pdf>> Acesso em: 07 out.2018.